

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ARTUR DE OLIVEIRA CARMINATI

**INTEGRAÇÃO DA CULTURA SÍRIA E LIBANESA NO INTERIOR DE SÃO
PAULO PELAS FRENTES GASTRONÔMICA E SOCIAL (1880 ATÉ 1945)**

**Ribeirão Preto -
SP 2021**

ARTUR DE OLIVEIRA CARMINATI

**INTEGRAÇÃO DA CULTURA SÍRIA E LIBANESA NO INTERIOR DE SÃO
PAULO PELAS FRENTES GASTRONÔMICA E SOCIAL (1880 ATÉ 1945)**

Trabalho apresentado como exigência para conclusão do curso de graduação em História, ministrado pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Orientadora: Prof. Dra. Nainora Maria Barbosa de Freitas

Ribeirão Preto – SP

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

C284i

Carminati, Artur de Oliveira

Integração da cultura síria e libanesa no interior de São Paulo pelas frentes gastronômica e social (1880 até 1945)/ Artur de Oliveira Carminati - Ribeirão Preto, 2021.

34p.il

Trabalho de conclusão do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Nainôra Maria Barbosa de Freitas

1.Imigrantes 2. Sírios e libaneses 3. Mascates I. Freitas, Nainôra Maria Barbosa de II.
Título

CDU 94(815.6)

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

ARTUR DE OLIVEIRA CARMINATI

**INTEGRAÇÃO DA CULTURA SÍRIA E LIBANESA NO INTERIOR DE SÃO
PAULO PELAS FRENTES GASTRONÔMICA E SOCIAL (1880 ATÉ 1945)**

Trabalho apresentado como exigência para
conclusão do curso de graduação em História,
ministrado pelo Centro Universitário Barão de
Mauá.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Nainora Maria Barbosa de Freitas
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Prof. Me. Rafael Cardoso de Mello
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Prof. Me Rodrigo de Andrade Calsani
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2021

Ao meu bisavô Nahim, imigrante libanês o qual, infelizmente, não pude conhecer em vida, mas que muito me ensina e inspira em sua história.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer a minha orientadora prof. Dra. Nainora Maria Barbosa de Freitas, sem ela esse trabalho não seria possível. Agradeço ao coordenador do curso, prof. Me. Rafael Cardoso de Mello e aos demais professores que fizeram parte da minha trajetória e formação acadêmica até aqui,

Aos meus familiares e amigos, que estiveram ao meu lado me apoiando, acreditando e incentivando, principalmente durante o período caótico pandêmico no qual foi realizada essa pesquisa. Especialmente minha avó, Vera, que manteve a paciência de acreditar e me incentivar durante toda essa jornada.

RESUMO

Esta pesquisa busca trabalhar o contexto de integração da cultura síria e libanesa em suas relações sociais e gastronômicas no Brasil, no interior do estado de São Paulo do período de 1880 até 1945. Por meio de revisões bibliográficas analisaremos desde as raízes do Líbano e Síria, alguns aspectos que construíram, motivaram ou permitiram que essa imigração se tornasse tão efetiva e positiva. Para isso, iremos analisar algumas características do Brasil dentro do recorte anual feito nesta pesquisa, sendo assim podemos compreender qual era o cenário ao qual o imigrante se deparou quando chegou. Assim como compreender motivações e ações que não só os favoreceram como a de toda a rede de comércio no interior do estado de São Paulo, a mascateação. Posteriormente, buscaremos analisar, através da gastronomia outras características dessa imigração, inclusive pelo papel das mulheres na questão da tradição culinária trazida do oriente para a América do Sul. Assim buscamos refletir sobre o que essa integração trouxe de fato ao cotidiano do brasileiro, sobretudo no interior do estado de São Paulo.

Palavras-chave: Imigrante. Sírios e Libaneses. Mascates.

ABSTRACT

This research aims to work on the integration context of the Syrian and Lebanese culture in their social and gastronomic relations in Brazil, in the countryside of the state of São Paulo from 1880 to 1945. Through bibliographic reviews we will analyze, from the roots of Lebanon and Syria, some aspects that built, motivated or allowed this immigration to become so effective and positive. To do so, we will analyze some of the characteristics of Brazil within the annual cut made in this research, so that we can understand what was the scenario that the immigrant found when he arrived. As well as understand motivations and actions that not only favored them but also the entire trade network in the interior of the state of São Paulo, the peddling. Later, we will seek to analyze, through gastronomy, other characteristics of this immigration, including the role of women in the culinary tradition brought from the East to South America. Thus, we seek to reflect on what this integration actually brought to the daily life of Brazilians, especially in the interior of the state of São Paulo.

Keywords: Immigrant. Syrian and Lebanese. Mascates.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - EXPANSÃO DO IMPÉRIO TOMANO.....	15
Figura 2 – RAMIFICAÇÕES DA COMPANHIA MOGIANA DE ESTRADA DE FERRO (EM VERMELHO)	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 RAÍZES DA SÍRIA E LÍBANO	13
1.1 Motivações para o êxodo do povo sírio e libanês	16
1.2 A chegada no Brasil	18
2 SÍRIOS E LIBANESES NO BRASIL.....	22
2.1 Mascateação pelo interior do estado de São Paulo	23
2.2 Os Sabores do Oriente no Brasil	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

A cultura da comunidade síria e libanesa remete a uma raiz muito antiga. Para se chegar a uma reflexão sobre a integração da cultura dessa comunidade com a brasileira é preciso fazer uma relativa reflexão sobre a formação dessas comunidades muito antes das imigrações, de fato, começarem.

A jornada de milhares de sírios e libaneses que chegaram ao Brasil nas grandes ondas imigratórias no final do séc. XIX, não pararam de acontecer. Claro que não da mesma forma, mas notavelmente, o Brasil é um país que acolheu muito bem essa comunidade que trouxe aspectos de sua cultura que foram agregados assim como também agregaram à sua, como é o caso da culinária adaptando-se ao consumo brasileiro.

O Brasil é um espaço enorme de pluralidade cultural. Mas poucas vezes nos questionamos sobre quais efeitos essa pluralidade trouxe nos nossos dias. Dentre todas elas, destacaremos a comunidade Síria e Libanesa, buscando interpretar relativamente os efeitos causadores e consequentes da questão da integração desses imigrantes no interior do estado de São Paulo, em relação a questões sociais e gastronômicas.

Pouco se atribui corretamente o mérito aos feitos dessa comunidade. Então buscamos apresentar alguns desses efeitos, tendo em vista o aspecto abrangente da imigração no Brasil. Coisas que passam despercebidas pela boca do povo, como a rápida atribuição ao descendente árabe a de um turco, por exemplo.

O objetivo geral é interpretar de forma relativa os motivos que tornaram o Brasil como uma referente colônia árabe, onde no interior de São Paulo revolucionaram o comércio e trouxeram sua gastronomia, uma das marcas mais tradicionais do povo sírio e libanês. Em síntese, buscaremos compreender como se deu a integração da cultura síria e libanesa no interior paulista, pelas frentes gastronômica e social, entre os anos de 1880 até 1945.

Portanto, trabalhamos ao longo da pesquisa, através de autores e pesquisadores para trazer reflexões sobre a questão da imigração não só no Brasil mas no mundo todo, tendo em vista a aptidão dessa comunidade, desde suas raízes, á se “atirar” ao mundo, portanto levando um pouco de sua marca por onde passavam.

A questão da mascateação é ponto importante da pesquisa, tendo em vista a vasta importância para o desenvolvimento comercial; das rotas; das comunidades sírias e libanesas pelo interior; dos temperos e sabores; enfim, da integração dessa cultura ao Brasil. Portanto é preciso compreender as motivações das quais fizeram milhares de imigrantes carregarem

vários itens e sair vagando, muitas vezes a pé, por distancias inimagináveis em busca de estabilidade e qualidade de vida.

A metodologia utilizada é a pesquisa documental qualitativa, e busca por livros referenciais na biblioteca Prof. Nicolau Dinamarco Spinelli, sites e vídeos online. Também baseado em pesquisas bibliográficas de historiadores, sociólogos, jornalistas, dentre outros, Claudete Camargo Pereira Basaglia (2002) e Oswaldo Mário Serra Truzzi (1993, 2001, 2005, 2019). Também Mary Del Priore (2017), trazendo relatos sobre a realidade social no Brasil em seus primeiros momentos como república, além de Roberto Khatlab (2013), Fernand Braudel (1997) e Juliana Mouawad Khouri (2013). Como referencial teórico nos basearemos na origem das tradições, segundo Eric Hobsbawn (1984):

[...] consideramos que a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao processo, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Os historiadores ainda não estudaram adequadamente o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos são criados. Ele ainda é em grande parte relativamente desconhecido [...] (HOBSBAWN, 1984, p.11)

O trabalho se divide em dois capítulos. No primeiro, buscamos trazer uma relativa noção sobre as raízes da Síria e Líbano, revelando algumas das motivações que os colocaram em curso rumo ao Brasil. No segundo, trabalharemos a questão da realidade da terra acolhedora e trataremos sobre a principal atividade desses imigrantes e, por fim, perguntamos: ocorreu uma integração dessa comunidade estrangeira por meio da gastronomia?

1 RAÍZES DA SÍRIA E LÍBANO

Do ponto de vista cronológico, para compreender as raízes da chegada de sírios e libaneses em território sul-americano, precisamos voltar muito tempo na história. Mais precisamente por volta de 2500 a.C. quando os fenícios eram quem habitavam a região que hoje conhecemos como Líbano, Síria e parte da Palestina. Algumas características daquela cultura são pertinentes ao que será discutido nos próximos capítulos.

Uma das mais notáveis, era a habilidade de comercializar. Uma vez que o território onde conviviam não favorecia a agricultura, devido a uma cadeia de montanhas e florestas que limitavam ou quase anulavam qualquer tipo de atividade nesse sentido. Em contrapartida, eram banhados pelo vasto mar mediterrâneo, para onde se atiraram a socializar, comercializar, viajar e explorar novas formas de sobrevivência, tornando-se “exímios carpinteiros e navegadores da antiguidade” (KORMIKIARI, 2019, p.16).

Comercializavam todo tipo de coisas, geralmente artigos de luxo, especialmente uma tinta de cor púrpura extraída de um pigmento presente em um molusco característico da região. Costumavam importar e transportar mercadorias e ideias por todo o mediterrâneo, chegando até na costa africana pelo atlântico, um feito incrível para a época.

Nesse sentido, há outras características dessa cultura tão antiga, mas a pouca quantidade de documentos sobre essa civilização não permite uma compreensão precisa e completa. Assim, até hoje é uma sociedade com enigmas ainda não desvendados.

[...] Passados mais de dois séculos do início moderno dos estudos sobre os fenícios, eles ainda possuem uma aura de mistério. Para o senso comum, são vistos como intrépidos navegantes, hábeis comerciantes, os inventores do alfabeto e são mormente associados ao território moderno do Líbano, no Oriente Médio [...] (KORMIKIARI, 2019, p. 6).

Porém, o protagonismo e controle fenício é finalizado após a derrota para os romanos durante a terceira Guerra Púnica (149 a.C – 146 a.C). O domínio sob o mar mediterrâneo passou a ser de Roma, que se mantém protagonista até a queda de sua capital no antigo Império Bizantino (330 – 1453), Constantinopla. Atualmente conhecida como Istambul, capital da Turquia. Feito protagonizado, justamente, por turcos otomanos.

São essas algumas das marcas mais antigas da formação da identidade da cultura síria e libanesa e que marcaram a integração, não só em território brasileiro, mas em todas as outras civilizações com quem tiveram contato. Vale lembrar que existem várias outras

características marcantes sobre fenícios (a maior delas, por exemplo, o primeiro alfabeto que se tem registro) mas não é nosso objetivo discuti-las nesta pesquisa.

Estamos analisando então, uma cultura que está intimamente ligada ao movimento constante dos intercâmbios culturais, e que prosperou em grande parte devido aos exercícios de negociações multiculturais durante um longo período de tempo o que tornou uma característica estereotipada até os dias de hoje, quando relacionada a imagem do árabe com a de um bom comerciante.

Porém, é durante o domínio do Império Turco-Otomano (1299-1922) que inúmeras outras características e estereótipos dessa cultura são formadas. Uma delas, e talvez a mais produzida popularmente (ao menos entre os brasileiros), é a de que sírios e libaneses são turcos. Surgiu justamente desse contexto, até pelo fato de ter sido um império que permaneceu em atividade por séculos.

[...] Líbano e Síria eram ainda partes do Império turco-otomano nas últimas décadas do século XIX[...] Os que desembarcavam no Brasil passaram a ser conhecidos como turcos, pois deixavam seus países utilizando passaportes turcos. Isto, para sua chateação: a última pessoa com a qual um árabe gostaria de ser comparado [...] (SILVA, 2008, p. 24)

Sua formação se deve à Osman, ou Otman I (1258 – 1324), líder tribal de fé Islâmica que dominou, unificou e expandiu diversas tribos nômades que viviam na região da Anatólia. Formando uma dinastia imperial que levava seu nome. Posteriormente, conquistou a última capital do Império Bizantino: Constantinopla.

[...] Durante sua expansão em direção ao oeste, a maior parte dos nômades turcos se converteu ao Islã, o que seria um traço importante e distintivo desses povos em relação ao Império Bizantino. Este, já bastante enfraquecido por suas disputas em Gênova, Veneza e com os reinos balcânicos da Bulgária e da Sérvia, foi perdendo cada vez mais territórios para as tribos túrcicas vindas da Ásia Central. Até o século XVI, os turcos otomanos conquistaram um vasto território beneficiando-se do enfraquecimento e fragmentação do Império Bizantino, de principados cristãos e de outras tribos muçulmanas, na Anatólia, nos Bálcãs, no Oriente Médio e no norte da África. [...] (SANTOS, 2018, p. 21)

Para ilustrar, o mapa a seguir nos mostra a expansão territorial do império turcootomano de 1481 até 1683. E que nos mostra que a partir de 1520 a região da Síria e Líbano passam a fazer parte desse domínio. Também é possível ver a dimensão da imensidão dos territórios sob domínio imperial turco.

Figura 1 – Expansão do Império Otomano.



Fonte: Estadão (2019).

No mapa acima podemos observar a amplitude do domínio otomano. De 1481, quando ocupavam a região da Anatólia, e grande parte da Grécia. Ocuparam então a região da Síria, Líbano e Egito. Assim tomaram grande parte do norte africano, por fim, chegaram a expandir para outras regiões no Oriente Médio.

Mas, como todo grande império, existiram os momentos prósperos e seu declínio. E é exatamente em uma das faces desse declínio que nos deparamos com as primeiras experiências imigratórias, de forma abrangente, em território sul-americano. Aqui, nos referimos ao século XIX, quando o Brasil ainda estava sob regime imperial.

Porém, é importante compreender que o gradativo e secular enfraquecimento do Império Otomano, que se inicia a partir de 1683, “este período pautou-se pelos fracassos militares e pela perda de territórios.” (LIMA, 2021, p.14), e, para os historiadores, marca do fim do expansionismo turco. O que desencadeou inúmeras crises ao longo dos próximos séculos até sua distinção total após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

1.1 Motivações para o êxodo do povo sírio e libanês

Dentro das questões motivadoras, a cientista social, socióloga e autora de uma das únicas pesquisas sobre a imigração de sírios e libaneses na cidade de Batatais, no interior de São Paulo, Claudete Basaglia, indaga sobre de uma forma contundente:

[...] Alguns nascem dotados de espírito aventureiro, e este impulso interior é suficiente para que saiam à procura, senão de novos, mas de diferentes rumos. Outros têm raízes profundas, mas são arrancados e, embora relutem, são levados à revelia e atirados a experiências inusitadas, inesperadas ou inadequadas, nestas circunstâncias a emigração só tem início no momento em que as pessoas descobrem que não conseguirão sobreviver com os recursos tradicionais das comunidades de origem. [...] (BASAGLIA, 2002, p. 15).

Sabemos que por lá a agricultura não é favorecida, principalmente em grande escala, devido a cadeia de montanhas característica da região. Quem habitava ali nunca alimentou a tradição de um modelo assalariado, eram pequenos proprietários agrícolas que vendiam seus produtos na busca de proporcionar uma vida melhor para si e seus entes. Mas na realidade se viram meio a uma porção de crises que legitimaram a necessidade pela busca de um novo lugar, mesmo que temporário.

Toda aquela região (Líbano e Síria) agregavam um sistema de minorias entre as pequenas comunidades, que davam a seus líderes religiosos autonomia de governança. Durante o século XIX duas dessas comunidades chegaram ao estopim por disputas ambiciosas de poder. São os Maronitas e Drusos. O poder de governança otomana era ineficaz no projeto de apaziguar a questão, o que estampou ainda mais o enfraquecimento do regime imperial turco.

Havia também a questão conflituosa de classes entre os lordes das montanhas e camponeses. Nesse sentido, se percebe um acúmulo de questões delicadas relacionadas a sobrevivência naquele lugar, principalmente em seu apogeu ao final de 1850, como indaga André Gattaz em seu livro, sobre os imigrantes libaneses no Brasil:

[...] No final dos anos 1850, o Líbano estava em convulsão. No norte, os camponeses maronitas atacaram e expulsaram as famílias nobres, tomando suas propriedades. O movimento espalhou-se por toda a região e tornou-se um conflito entre os camponeses maronita se os lordes drusos – conhecido como a “guerra civil de 1860”, na verdade um misto de conflito comunal e luta de classes. Nesse combate, os drusos, sob a liderança de Said Jumblat, provocaram grandes perdas entre seus oponentes e assumiram o controle sobre os camponeses maronitas – estima-se que em quatro semanas 11.000 cristãos tenham sido mortos pelos drusos; outros 4.000 morreram de desnutrição e 100.000 tornaram-se refugiados. Os reflexos deste

conflito chegaram até Damasco, onde um massacre deixou cerca de 3.000 cristãos mortos e provocou o êxodo de milhares para a costa. [...] (GATTAZ, 2005, p. 19)

É natural que mediante a perseguições, constantes conflitos, crises e uma ineficaz ação de combate (ou de administração em geral) para toda essa questão por parte dos turcos que ali dominavam, motivaram a insustentabilidade de um bom convívio na terra de origem. Sobreviver ali era incerto, foi preciso então buscar por outro lugar que pudessem se estabelecer, ainda que temporariamente.

Fato é que, ninguém decide, por prazer e boa vontade, simplesmente largar sua terra de origem, seus queridos, valores e toda uma rede habitual de convivência, costumes, cultura, tradições, etc. Trocar o que se dava como comum, pelo incomum. É natural então, que muitos fossem apegados às suas origens, e, portanto, não vieram com a intenção de se fixar, mas para fugir de uma situação pior, conseguir dinheiro e voltar para casa, na tentativa de oferecer melhores condições aos que lá ficaram.

Até então se sabia muito pouco especificamente do Brasil, o que se ouvia por aquela região do planeta era de que “na tal” da América o futuro era promissor, com oportunidades de enriquecimento, sobretudo na América do Norte, que também foi destino de inúmeros desses imigrantes, fato também abordado por Oswaldo Truzzi (1993), em sua análise sobre Sírios e Libaneses nas Américas.

O Brasil em si também emanava prosperidade a outras nações, que ouviam e se atentavam sobre o crescimento das enormes lavouras de café (principalmente no interior de São Paulo), assim como seu consumo em escala global. Estímulos que atraíam imigrantes (do mundo todo) em busca de oportunidade de trabalho e sobrevivência. Com os sírios e libaneses não foi diferente.

Sabemos que o imperador D. Pedro II (1825-1891), do Brasil, foi um dos maiores intelectuais de seu tempo, sendo reconhecido, não só em território nacional, mas por vários cantos do mundo. Portanto, naturalmente, contribuiu para a vinda desses imigrantes quando em uma de suas viagens ao redor do globo, se dirigiu até o Líbano onde encantou e ficou encantado, levando uma boa imagem de sua nação. E ainda registrou: “a partir de hoje começa um mundo novo. O Líbano ergue-se diante de mim com seus cimos nevados, seu aspecto severo, como convém a essa sentinela da Terra Santa.” (Imperador do Brasil, Dom Pedro II, 1876).” (KHATLAB, 2013, p. 4).

É importante compreender que as motivações se formaram ao longo do enfraquecimento do domínio turco otomano naquela região que tinham comunidades representadas por seus líderes religiosos conflitantes entre si, assim como uma brutal disputa

de classes que também agregava a questão religiosa, já que a grande maioria dos camponeses eram Maronitas e lorde das montanhas, Drusos. Logo, a economia também não caminhava bem, na verdade era o oposto.

Outra fonte de motivação surgiu com a experiência desses primeiros imigrantes por aqui, uma vez que enviavam cartas a seus entes para sua terra natal. Nessas cartas, houveram por várias vezes ajuda financeira, o que confirmou a teoria de que por aqui havia uma mina capaz de suprir o que por lá faltava. Como nos sugere Oswando Truzzi no trecho que se segue:

[...] Um analfabeto vai para a América e no curso de seis meses manda um cheque de \$300 ou \$400 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em mais de dois anos. Durante os meses passados veio para Zahle da América uma média de \$400 a \$500 dólares diariamente. Quase tudo é usado para pagar velhas dívidas, hipotecas e para levar outros emigrantes além-mar. [...] (TRUZZI, 1993, p. 18).

Portanto, foram essas as principais motivações que levaram sírios e libaneses a se arriscarem nos mares em busca de um novo começo, ou uma forma de ajudar seus familiares e queridos a conseguirem sobreviver na terra natal, em meio a tantas crises e conflitos.

Houve outros momentos em que a motivação volta a ser forte para a fuga em busca de outras oportunidades, como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o qual inúmeros sírios e libaneses vão embora de suas terras para que não fossem obrigados a se alistar pelo exército turco otomano e batalhar nos terríveis fronts da guerra.

1.2 A chegada no Brasil

É preciso compreender que a chegada de sírios e libaneses no Brasil, não é exclusivamente um fato ocorrido a partir da segunda metade do século XIX. Há registro da chegada a partir de 1830, no nordeste paulista, como confirma Claudete Basaglia em sua pesquisa sobre esses imigrantes na cidade de Batatais, no interior do estado de São Paulo. Mas que não tinha “representação numérica” (BASAGLIA, 2002, p.16) que valha se referenciar para essa questão.

Nessa pesquisa analisaremos a partir de 1880, quando no Líbano e Síria a crise chega em proporções irreparáveis, antecedendo apenas o momento em que o império turco otomano foi dissolvido, consequência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Portanto é a partir desse momento que podemos considerar de fato a primeira onda imigratória de Sírios e

Libaneses de forma representativa, como confirmamos dados apresentados por Oswaldo Truzzi (1993).

O Brasil passou por um processo de modernização no final do século XIX, e a construção das linhas de ferro tiveram um papel crucial para os imigrantes que aqui chegavam. Elas foram responsáveis pela possibilidade de exploração do território por parte desses estrangeiros. Inclusive, tornou possível o acesso mais rápido ao interior paulista, como a região Mogiana da qual iremos retratar nesta pesquisa.

[...] Nas duas últimas décadas do século XIX e três primeiras do século XX, a região nordeste do Estado de São Paulo experimentava a prosperidade como resultado da produção cafeeira, vinculada a dois importantes elementos: a chegada de imigrantes e a estrada de ferro. A “onda verde” foi acompanhada pela estrada de ferro Mogiana, que em muito contribuiu para a fixação das populações, sendo a responsável pelo transporte dos imigrantes e suas esperanças de uma promissora vida nova. [...] (BASAGLIA, 2002, p. 17).

A “onda verde” atraiu a todos, naturalmente. Portanto, quando Basaglia diz “imigrantes”, não podemos atribuir apenas aos sírios e libaneses, nesse caso. Inúmeros italianos, espanhóis, alemães, por exemplo, também vieram de forma abrangente, sobretudo nas primeiras décadas do século XX e principalmente com a primeira grande guerra (1914-1918). É como se o Brasil fosse uma das rotas de fuga para os problemas do mundo naquele momento.

O imigrante recém-chegado não tardou a presenciar a eclosão duas grandes questões sendo a abolição da escravidão em 1888 e da proclamação da república em 1889. Mas também da contínua ascensão do mercado cafeeiro, disparando contra a decadente hegemonia da cana-de-açúcar. E também, a construção de novos caminhos e vias de ferro que tornaram o acesso mais rápido do litoral para o interior.

[...] Os sírios e libaneses que chegavam ao Brasil eram, em sua grande maioria, cristãos, sobretudo homens jovens e solteiros, semianalfabetos, provenientes de pequenas aldeias, onde se praticava uma economia rural de subsistência, desmonetizada, baseada na pequena propriedade familiar. Ao contrário de outros grupos étnicos, que foram subsidiados pelas autoridades, esse fluxo migratório arcou com todas as despesas da viagem. A travessia compreendia o deslocamento de suas aldeias até os portos mediterrâneos de Alexandria, Gênova e Marselha, onde embarcavam para o Brasil. Cerca de 90% dos sírios e libaneses que entravam no país desembarcavam em Santos e no Rio de Janeiro. [...] (FRANCISCO, 2013, p. 257)

Contudo, o cenário interno do Brasil, na prática, não se alinhava a visão otimista do

exterior. Eram tempos de mudanças e medo devido à enorme desorganização econômica, principalmente por causa da má gestão da questão da lavoura com a abolição do regime de trabalho escravo, levando fazendeiros a falência enquanto outros lucravam absurdos com lavouras de café.

Mary Del Priore, historiadora, pesquisadora e autora da obra *Histórias da gente brasileira. República: memórias (1880-1950)*, trabalha questões do cotidiano no Brasil, a partir da formação da República, e aponta a realidade de instabilidade econômica e, conseqüentemente de um abismo social se elevando. Para ilustrar, Del Priore expõe:

[...] Nos primeiros anos da República, o Brasil sofreu uma desorganização econômica financeira resultante da desordem da lavoura, com o regime de trabalho livre. A crise aumentou com o decreto 164, de Rui Barbosa, baixado a 17 de janeiro de 1890, permitindo que companhias ou sociedades anônimas se estabelecessem sem autorização do governo. Iniciou-se assim um período de jogatina desenfreada na Bolsa, com projetos de riqueza imediata sem base de produção, período que durou vários anos, nos quais se criaram e se destruíram fortunas inteiras. Lançavam-se cada dia ações de novas companhias. Pleiteavam-se concessões. Enquanto de um lado se levantam empresas, de outro se abriam falências. Quase todos os bancos soçobaram. Tudo isso ficou marcado em minha infância apenas pelo vocábulo “encilhamento”. [...] (DEL PRIORE, 2017, p. 17)

É nesse sentido que compreendemos como o Brasil chama a atenção de imigrantes. O trabalho escravo havia sido abolido, portanto era necessária outra mão de obra para suprir e dar conta da produção em larga escala daquilo que estava em ascensão no país: as lavouras de café, especialmente no interior do estado de São Paulo. Quem cumpriu esse papel, foram os imigrantes:

[...] Com o agravamento da crise do sistema escravocrata baseado no trabalhador negro, a questão imigratória foi ganhando o centro das atenções no Brasil ao longo da segunda metade do século XIX. Vista como solução para o problema da lavoura cafeeira, em expansão no momento em que faltava força de trabalho, a mão de obra imigrante também alimentaria o incipiente processo de industrialização e urbanização em curso no país. Ainda que a vinda de europeus para trabalhar na agricultura fosse estimulada desde o final do Império, sobretudo pelos cafeicultores paulistas, com o advento da República (1889) a imigração passou a contar com recursos públicos. Em 1890, foi autorizada a livre entrada no Brasil de todos os indivíduos aptos para o trabalho, exceção feita explicitamente aos negros. [...] (FRANCISCO, 2013, p. 258)

As comunidades sírias e libanesas, como já retratado no primeiro capítulo dessa pesquisa, não eram habituados ao trabalho assalariado, nem tampouco ao trabalho no campo. Mas sim, à tradição, mesmo que não necessariamente uma via de regra, de boas relações nas práticas comerciais. O que não podia ser diferente quando no Brasil chegaram.

O processo de fixação dessas comunidades imigrantes se deve muito aos que primeiro chegaram e se arriscaram, pois desses é que vinham as informações sobre os pontos em que mais conterrâneos se estabeleceram, ou onde mais prosperavam suas atividades como mascates. E desses, que recebiam as informações, eram passadas para os próximos grupos que chegavam. Criando assim uma rede de contato e acolhimento entre eles.

A mascateação foi o ponto inicial de ocupação, e a partir dela é que Sírios e Libaneses se estabeleceram por todo o território brasileiro. De início preferiam regiões urbanas, onde o fluxo de pessoas era maior e conseqüentemente suas atividades de comércio também. Mas inevitavelmente passaram a ocupar o interior, onde as estradas de ferro passam a ser necessárias para o transporte do café até o litoral (porto de Santos).

É nesse sentido então, que esses imigrantes Sírios e Libaneses se desvinculam do trabalho assalariado no campo, nas lavouras de café, chegam até a região interiorana de São Paulo e, de forma recíproca, favorecem o fluxo comercial agitado pela mão de obra europeia que vem substituir o que antes era papel dos negros escravizados.

2 SÍRIOS E LIBANESES NO BRASIL

Hoje o Brasil conta com cerca de 11,6 milhões de árabes e descendentes em seu território, segundo a pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope Inteligência) e publicado no site oficial da Agência de Notícias Brasil-Árabe (Disponível em: <<https://anba.com.br/comunidade-arabe-e-6-da-populacao-brasileira-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 22 de Jul. de 2020). É o maior número de árabes residentes fora de territórios árabes. Nesse ponto fica claro que os efeitos dessa imigração para essas sociedades foram prósperos.

Ao desembarcarem nos portos do Brasil, sírios e libaneses se depararam com outra rede conhecimentos. Algo que ainda estava em andamento, sendo construído, modernizado. Na realidade, o cenário era terrível, a desigualdade social aguda, resultado da agravante e duradoura exclusão social estampada no regime escravocrata que por séculos perdurou no Brasil.

[...] O quadro difuso e instável das cidades brasileiras, já naturalmente hipertensionado pela escravidão e seus processos de exclusão social, tendeu a se agravar com a abolição e com a instauração de princípios democráticos. Surgia então a figura aterradora da massa de “cidadãos” pobre e perigosa, viciosa, a qual emergia da multidão de casas térreas, de estalagens e cortiços, de casas de cômodos, de palafitas e mocambos que eram vastidão da paisagem das cidades herdadas do Império. [...] (NOVAIS, 1998, p.133)

Era no interior que se estabeleciam as maiores fazendas de café. O que influenciou na construção de ferrovias, visando o transporte do produto das fazendas até os grandes portos nos litorais. Uma delas é de extrema importância para o que será discutido neste capítulo, foi a linha de ferro Mogiana, a qual ligava a cidade de Campinas até o interior do estado, na Alta Mogiana. Serviu de transporte para inúmeros sírios e libaneses que no interior chegaram e se estabeleceram.

Os centros urbanos foram, de início, uma preferência desses imigrantes, a maioria deles acabaram desembarcando nos portos de Santos e Rio de Janeiro e por essas grandes cidades se arriscaram nos centros comerciais. Na cidade de São Paulo, por exemplo, se estabeleceram principalmente na rua 25 de Março a qual até hoje é marcada pelo enorme fluxo de comércio.

Imagine então, que os que aqui chegaram enfrentaram inúmeros desafios. Além as

condições de uma viagem transatlântica nos anos finais do século XIX, não havia uma rede de comunicação rápida e prática como hoje, talvez um dos maiores desafios tenha sido a língua. Por isso, instintivamente, buscaram estabelecer uma conexão entre si, como uma grande família de imigrantes que se aponham para sobreviver e expandir.

E devido a essa formação de redes de comunicação, sobre as experiências daqueles que mapeavam e exploravam, que as possibilidades de comércio, sobretudo no oeste paulista (que crescia sem freios com o cultivo do café e com a decadência do cultivo à cana-de-açúcar) só aumentavam. Vale lembrar que naquele momento, a vida rural era muito mais populosa do que nos dias de hoje, o que indicava um bom sinal para o comércio.

Essa rede era sustentada por um processo coletivo em busca de sobrevivência, o que significa que os vínculos familiares e com conterrâneos eram uma das vias de confiança para que traçassem uma rota conhecida para aqueles que ainda chegavam ao país. Ou seja, os primeiros que se informavam ou tomavam conhecimento de uma certa região logo passavam a diante o que se sabia. Isso se diz a respeito principalmente da atividade mais comum praticada por esses imigrantes, que foi a mascateação.

2.1 Mascateação pelo interior do estado de São Paulo

Uma das características mais marcantes da integração da cultura síria e libanesa, principalmente na frente social e comercial, é a inserção da prática da mascateação em solo americano. Justamente por ser algo genuinamente inovador para a dinâmica socioeconômica defasada quando as grandes imigrações começaram a partir de 1880. Mas, afinal de contas, quem era o mascate?

A expressão veio pelas bocas dos portugueses, que relacionavam a palavra com o termo “comerciante”, propriamente dita. E assim é chamado por conta da cidade de Masqat, localizada na península arábica, de onde vieram vários imigrantes afim de comercializar, como descreve Claudete Basaglia:

[...] Adotada pelos portugueses por causa de Masqat, uma cidade na península arábica feitoria portuguesa onde os navios faziam a aguada e o comércio de cavalos aljôfar das pescarias do golfo e dali vieram os vendedores ambulantes para o Brasil que era colônia dos luis, de Masqat vieram fazer comércio de fazendas e miudezas. [...] (BASAGLIA, 2002, p. 25).

Nos dicionários brasileiros é descrito, basicamente, como mercador ambulante, ou vendedor que oferece mercadorias a domicílio. De fato, a definição dada está correta, porém

existem outros aspectos que podem e devem ser atribuídos a essa palavra. Sobre tudo no que se refere à imigração síria e libanesa no Brasil, e ao interior do estado de São Paulo.

[...] Os mascates são mercadores, quase sempre miseráveis, que “levam no pescoço”, ou muito simplesmente nas costas, parcas mercadorias. Nem por isso deixam de construir uma massa de manobra apreciável nas trocas. Preenchem, nas próprias cidades, mais ainda nos burgos e aldeias, os vazios das redes comuns de distribuição. [...] (BRAUDEL, 1996, p. 58).

Braudel indica a questão dos “vazios” das redes presentes na distribuição de todo tipo de coisa, nesse sentido, não foi diferente no Brasil. Portanto é preciso compreender quais eram esses espaços não ocupados, pois é aí o maior – e mais oportuno - campo de ação dos mascates, principalmente quando aqui chegaram e passaram a se estabelecer.

Um dos primeiros grandes centros urbanos nos quais se fixaram foi a cidade de São Paulo, onde naturalmente uma colônia de imigrantes sírios e libaneses se formou. Mais especificamente na tradicional Rua 25 de Março, no centro da cidade. Local que até hoje é conhecido como um dos maiores polos comerciais da América latina. Percebe-se então, que havia ali um dos “vazios” oportuno a esses imigrantes.

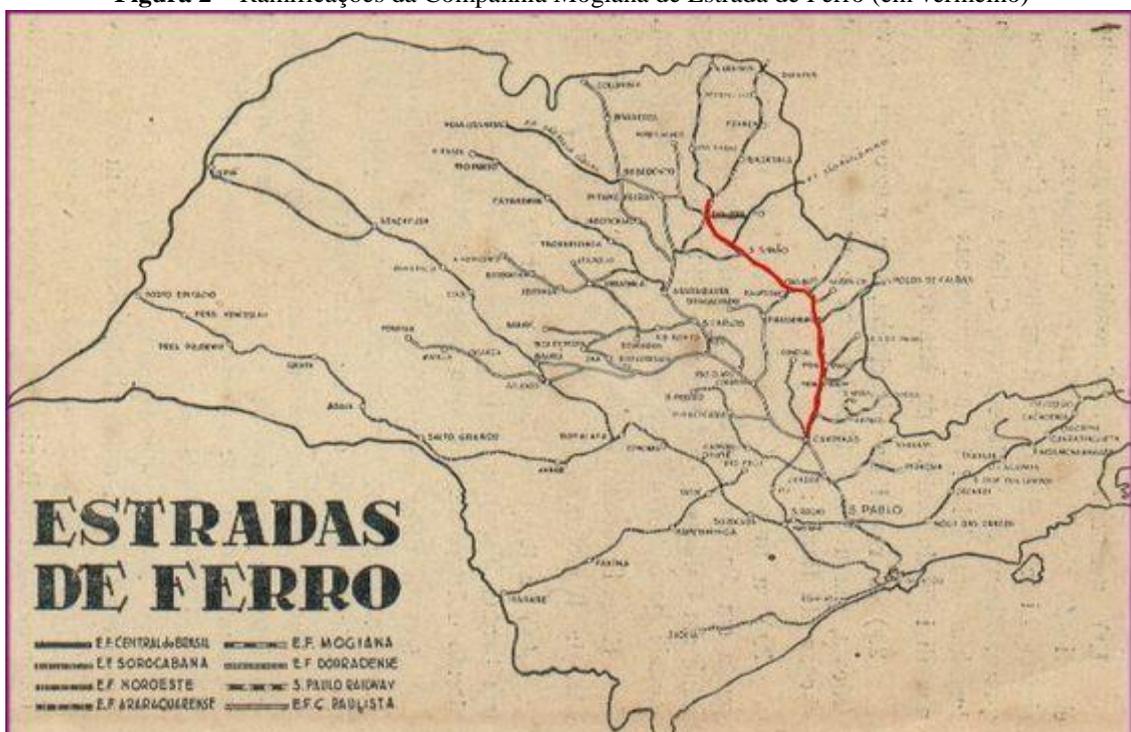
[...] O primeiro local que ocuparam foi a rua 25 de Março e suas adjacências. A presença árabe nessa área era tão evidente que foi percebida, em 1940, por um observador que passava na região: “onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro... O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe. Ouve-se constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafés, os rádios, em geral, estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em língua estrangeira do que a língua do País. [...] (KHOURI, 2013, p. 41).

Dos grandes centros urbanos, ouviam notícias sobre o crescimento das grandes lavouras de café que predominavam no interior paulista. Para um mascate, é uma oportunidade de fazer negócios, tendo em vista a característica expansionista da atividade de mascateação. Portanto não demorou para que os vendedores ambulantes trilhassem suas rotas ao interior, principalmente pela chegada das linhas de ferro.

A princípio, as estradas de ferro foram projetadas para facilitar o transporte dos sacos de café que eram plantados no interior paulista, na região da Mogiana, em direção aos grandes portos e centros urbanos, como Campinas, São Paulo e Santos. Mas acabou sendo crucial para os mascates que então puderam se projetar ao interior que, ainda não tinha consistência comercial ou mesmo de fornecimento como nas grandes cidades.

Portanto, para que fosse possível toda a extensão e propagação, a rede era criada e assim os primeiros mascates que se arriscavam procuravam algum lugar para se estabelecer, quase que para formar uma base a favor daqueles outros que chegariam mais tarde. A estrada de ferro agilizou todo esse processo, pela velocidade de transporte, não só desses imigrantes, que caminhavam na maioria das vezes a pé ou de jegue, mas também das notícias com informações sobre comércio, etc. [...] “Seja ele quem for, rico ou pobre, o mascate estimula, mantém a troca, propaga-a. Mas está provado que onde ele tem prioridade há, comumente, certo atraso econômico.” [...] (BRAUDEL, 1996, p. 59).

Figura 2 – Ramificações da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro (em vermelho)



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 2017

O mapa acima retrata as linhas de ferro pelo mapa de São Paulo na década de 1920. Nele podemos notar, destacado em vermelho, a Estrada de Ferro Mogiana, saindo da cidade de Campinas e chegando ao interior, em Ribeirão Preto. Pela imagem podemos perceber as ramificações que derivam da E. F. Mogiana, por todo seu percurso indicando, justamente, as principais rotas de mascateação pela região da Alta Mogiana.

As condições de trabalho de um mascate já eram ruins pela própria natureza do ofício, justamente a de levar consigo inúmeras mercadorias em suas caixas, maletas, baús, etc.

Ser o próprio comércio e de ir até o consumidor, fazer de sua mercadoria coisa necessária ao comprador, e continuar vagando. É importante lembrar que estamos discutindo sobre uma cultura milenarmente conhecida pela sua habilidade com práticas comerciais.

José Luis Mejías, dirigiu e produziu um documentário chamado “Imigração Árabe no Brasil” onde Oswaldo Truzzi, muito referenciado nessa pesquisa, assegura que os mascates revolucionaram o comércio de modo geral, instaurando as primeiras noções de crédito e prática de liquidações, o que era uma experiência não existente, sobretudo no interior de São Paulo.

É necessário destacar também que a chegada desses mascates no interior foi causa de preocupação e revolta em algumas cidades que já tinham algum tipo de ordem comercial, mesmo que precária. Isso porque os donos de comércio físico pagavam mais impostos dos que os mascates que chegavam em grupos algumas vezes maiores que o próprio comércio local.

[...] Embora os mascates chegassem de trem, sua presença foi anunciada no município de Batatais com desconfiança como uma nuvem em movimento que, fora do alcance e controle, invade o município e as ruas da cidade, tirando o sossego de comerciantes por interferir na ordem comercial local. [...] (BASAGLIA, 2002, p. 33).

Como já exposto no primeiro capítulo dessa pesquisa, sabemos que desde as raízes, sírios e libaneses não costumam trabalhar de forma assalariada. Característica esta, que define suas ações como mascates no Brasil, pois carregavam dentro de suas maletas, sacolas ou carroças o seu próprio comércio, e podiam fazer uso dele em qualquer lugar de uma maneira prática.

[...] Do ponto de vista econômico-demográfico, as causas da imigração de origem síria não diferem muito do padrão comum a outros países europeus. Nestes, dois movimentos são clássicos. Em primeiro lugar, à medida em que as redes de transporte em expansão integram territórios mais abrangentes, bens faturados mais baratos invadiram os mercados rurais, passando a minar a produção de artesãos independentes ou de trabalhadores rurais que se engajavam em uma produção de pequena escala domiciliar com o intuito de complementar suas rendas. Em segundo lugar, o rápido crescimento das cidades criou um novo mercado de grandes proporções para uma produção agrícola comercial, de maior escala, que acabou deslocando a produção a subsistência. [...] (TRUZZI, 1993, p. 2)

Naturalmente que não agradaram a todos, mas de forma geral a mascateação foi extremamente produtiva tanto, pelo fornecimento de utensílios atrativos, como seda, peças íntimas, itens para higiene, etc. O que atraiu e favoreceu a integração desses comerciantes

estrangeiros que ao mesmo tempo aprendiam com as características cotidianas do brasileiro, como relata o mascate Jorge Bastani Tanus:

[...] numa madrugada, sobraçado um pequeno baú, cheio de pares de meias para homens, mulheres e crianças, carretéis de linha, peça de algodão, brincos e ‘bichas’ e uma infinidade de outros objetos, saí em direção à ‘roça’, mercadejando os meus artigos, e levando no ‘borjal’ alguns sanduiches para merenda. Não precisava levar almoço ou jantar, porque sabia que em cada casa onde chegasse à hora da refeição, seria por ‘tradição brasileira’, convidado para tomar parte na mesa. [...] (TANUS, 1948, p. 91-131)

Portanto, o mascate fazia parte também das refeições do brasileiro, e não há espaço melhor para integração do que à mesa, contemplada com refeição. Percebe então, um exemplo importante no que se refere aos motivos que tornaram a imigração da cultura síria e libanesa um processo relativamente amigável, e o mascate como protagonista dessa relação, uma vez que se direcionavam às portas em busca de clientes, amigos ou apenas uma boa oportunidade de se alimentar.

2.2 Os Sabores do Oriente no Brasil

Quando trazemos a questão gastronômica à tona, para retratar a imigração síria e libanesa, devemos considerar que mesmo antes das grandes ondas imigratórias no final do século XIX no Brasil, já haviam produtos de origem árabe. As práticas de comércio e navegação fenícia (ponto discutido no capítulo 1 dessa pesquisa) levaram sementes, mercadorias e receitas por toda a Europa, que séculos mais tarde colonizavam as américas.

[...] a cozinha do Oriente Médio não é estranha a povos europeus que participaram em massa da colonização da América do Sul e principalmente Brasil. É preciso estabelecer que Portugal e Espanha são nações distintas, porém irmãs, por se formarem nesta região, compartilhando as mesmas influências celtas e galaicas ao norte e, ao sul (região mediterrânea da península) as ações de árabes, fenícios e cartagineses advindas das diversas ocupações, domínios e ocultamentos, destas etnias oriundas do Oriente Médio, Pérsia, Levante e norte da África. Desde a remota antiguidade, pois no século XI A.C. (ALBERT, 2006, p. 17) cita navegações fenícias na região. Já na Espanha, (CORNER, 2011, pp. 73,74), por volta de 800 A.C, os fenícios fundaram a atual Cádiz e introduziram as oliveiras, aperfeiçoando técnicas de prensagem do fruto, para uma melhor extração do azeite e ainda desenvolveram conhecimentos agropecuários para melhorar as exportações, incluindo a introdução do açafraão, marca registrada das paellas atuais e produziram ainda uvas passas e vinhos. [...] (ABDALLA, 2021, p. 194)

O fato da América do Sul, contudo no Brasil, já ter presente em sua formação colonial o contato com especiarias de origem árabe, mesmo que de forma indireta, tornou-se

mais um aspecto positivo para a integração da comunidade no país. Coisas que se tornaram tão comuns em nossas comidas até os dias de hoje, como o azeite, “cuja etimologia da palavra remete ao árabe az-zait” (ABDALLA, 2021, p. 192)

É natural a todo indivíduo que, por alguma razão, precise estar longe de sua terra de origem, leve consigo ao menos um forte apeço ou conforto ao se deparar com a comida típica de sua nação. O vínculo do paladar com sabores e aromas que sentimos e descobrimos no meio em que crescemos é algo muito forte na memória de cada um de nós.

Sírios e libaneses então, evidentemente trouxeram consigo não só temperos, molhos, doces ou pratos típicos para suprir a fome. Mas a receita; o preparo; a tradição. Esse último, é ponto muito importante sobretudo na cultura síria e libanesa, tendo em vista a ligação familiar e emocional por trás de receitas que por vezes são preparadas há centenas de anos, passadas por várias gerações.

[...] Vale ressaltar que o povo árabe tem em sua culinária um fator de forte apego familiar emocional importante, além de referência do mantimento de sua cultura tradicional. Algumas receitas são muito antigas e ainda são mantidas em sua forma original, em muitos casos, até hoje, reforçando através de seus hábitos alimentares, a importância da vida em família, a valorização da herança de pais e avós. Referente a essa valorização, Yazbeck e Abrahão (2001) ressaltam que um dos traços mais fortes da culinária árabe, é seu imenso respeito às tradições de seus antepassados. Isto faz com que a receita seja passada, sem alterações, dentro de uma família, de mãe para filha, através de séculos. [...] (DALLAPORTA, 2016, p. 7)

Comida típica expressa a identidade de onde foi criada, e quando é estabelecida fora da terra de origem causa a afirmação dessa identificação e materializa estados emocionais diretamente ligados às nossas raízes. Está intimamente relacionado com o sentimento de acolhimento, como alternativa de trazer essas raízes, fisicamente, para mais perto, para a terra acolhedora.

A gastronomia árabe é um ponto importante a se refletir dentro do que se refere à integração dessa comunidade no Brasil. É uma das marcas mais fortes dessa cultura e que foi potencialmente favorecida pela mascateação. Conforme a colônia árabe crescia, com ela vinha também os sabores e cheiros do oriente. Caiu tanto no gosto do brasileiro, que logo incorporou aos seus cardápios, como o tradicional quibe ou as esfihas, que hoje são feitas com os mais variáveis ingredientes.

[...] se nos ativermos, porém, à imigração de sírios e libaneses a partir do final do século 19, uma peculiaridade que ilustra a integração vigorosa entre as duas culturas é a incorporação de iguarias de origem árabe à cultura nacional. Trata-se de um

fenômeno singular, que atingiu proporções muito maiores do que em qualquer outro país que recebeu contingentes sírios e libaneses. [...] (TRUZZI, 2005, p. 66)

O processo de integração gastronômica foi uma via de mão dupla, pois deve se levar em conta o fato de que as receitas eram feitas a partir dos ingredientes disponíveis, buscando sempre chegar ao mais próximo do prato original. Naturalmente, substituições eram feitas a alguns ingredientes, como a carne de cordeiro pela de vaca, já que culturalmente é a carne comum no mercado brasileiro, por exemplo.

[...] As comidas que minha mãe fazia eram as mesmas que nós comíamos em nosso país. Só que o paladar era diferente, porque lá não se come carne de boi, mas de carneiro ou cabrito. No primeiro dia de nossa estadia no Brasil, serviram arroz e feijão. O que eu podia fazer? Comi. ... Agora diferente mesmo são as frutas. Quando você morde um damasco, uma ameixa, escorre suco de sua boca. Aqui isso não acontece porque as frutas são mais secas [...] (BELLUZZO & HECK, 1998, p. 176)

É exatamente nesse movimento, que as próximas gerações de sírios e libaneses se afirmavam na terra acolhedora. De uma maneira geral, as tradições presentes nas receitas vindas da Síria e Líbano, se transformando em uma nova. A adaptação aos ingredientes manifestou a necessidade da invenção de outra, já que algumas dessas especiarias eram consumidas de formas diferentes ou pouco eram conhecidas. Até hoje, como a fruta damasco, consumida seca, no Brasil.

[...] Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que indica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado. [...] (HOBSBAWN, 1984, p.8)

São os filhos, netos, descendentes de sírios e libaneses que praticam a repetição como sugerida acima. Aqueles que nasceram de imigrantes, no Brasil e nunca, ou pouco, tiveram contato com sua terra natal, por exemplo. Naturalmente, passam a reproduzir receitas modificadas ao que no Brasil se consome.

Nesse sentido, enquanto o brasileiro agregava às suas refeições alguns dos pratos mais tradicionais da culinária síria e libanesa, as receitas continuam na busca por manter suas tradições, mas agregando em si traços da gastronomia da própria terra acolhedora. O tradicional quibe, ou a kafta, por exemplos de pratos típicos árabes, mesmo mantendo seus temperos e forma de preparo tradicional, passaram a ser feitos com carne de boi.

É importante destacar o papel da mulher durante a integração gastronômica. Pois são essas imigrantes que traziam consigo os saberes das receitas, e por elas também eram adaptadas de acordo com as especiarias dispostas a cada ocasião. A presença delas reforça, então, que o processo imigratório deixou de ser temporário e feito quase que exclusivamente por homens, como era a princípio:

[...] responsável pela preparação da comida, perpassou e perpetrou as características do que hoje entendemos como culinária árabes no Brasil. Os sabores, o saber fazer, ou melhor, a maneira como se elege os ingredientes locais para que ao fim se tenha o paladar mais próximo do original, com o intuito de se conseguir a manutenção do conforto e aconchego da terra natal, foram se tornando parte da história da imigração árabe no Brasil. Estudar a história e a historiografia da imigração árabe por sua gastronomia praticada nesta terra de acolhimento à luz da história cultural trará compreensões sobre os sabores e gostos difundidos e aceitos como típicos, suas adaptações e permanências. [...] (ABDALLA, 2019, p.3)

Podemos concluir, então, que uma das bases mais sólidas para a adaptação e integração da comunidade síria e libanesa no Brasil só se tornou possível ao longo da afirmação e repetição da própria gastronomia da terra de origem em detrimento às adaptações necessárias feitas durante esse processo de estadia na terra acolhedora, que aceitou e agrega até os dias de hoje, como terra nativa de inúmeros descendentes de sírios e libaneses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espírito aventureiro se faz presente nas raízes das nações síria e libanesa. Desde a antiguidade, nos comércios fenícios pelo mediterrâneo. Dentro desse aspecto, podemos agregar também as questões conflituosas na região desses países, como o domínio do Império Romano (27 a.C. – 475 d.C.) e, posteriormente, do Império Turco (1299-1922). Essas duas questões, principalmente, são responsáveis por conflitos internos, religiosos e violentos que culminaram no êxodo de inúmeros imigrantes para a América.

Embora a defasagem comercial na qual o Brasil passava, principalmente, pelo processo de mudança tanto do regime imperial para o republicano, a partir de 1889, quanto no mal planejamento da questão da abolição do trabalho escravo, puderam experimentar logo nos primeiros anos da República rotas comerciais que acabaram por revolucionar o comércio no interior do estado de São Paulo.

Outra característica relevante dentro da questão é a mais importante atividade comercial dessa comunidade e que, apesar de não ser algo exclusivo de sírios e libaneses se tornou marca registrada dessa gente no Brasil. A mascateação tornou possível que esses aventureiros pudessem se estabelecer, ajudar o conterrâneo que pelo oriente ficou, e ter uma nova oportunidade, tudo na base de muito esforço e necessidade.

Dentre todas as marcas da imigração síria e libanesa no Brasil, a comida é a mais evidente nos dias de hoje. Deve considerar a questão da globalização que “também estabelece ação sobre a identidade desta culinária provocando novas interpretações” (HALL, 2015, p.51), no sentido de impulsionar a criação de redes de fast-food que normalmente encontramos nas ruas e shoppings por aí.

Mas não deixando de considerar que potencialmente a integração foi tão efetiva que, passaram a ser vendidas e consumidas nas ruas, botecos, comemorações, etc. Ainda que não carregue a receita original o brasileiro pode encontrar facilmente, sem precisar procurar por uma comunidade árabe propriamente dita. Os efeitos dessa integração estão presente todos os dias na vida do brasileiro.

[...] não há botequim, por mais singelo e tosco que seja, nos mais remotos cantos do Brasil, que não ofereça sua versão popular do bolinho de carne árabe – mesmo que na maioria desses casos, de quibe mesmo, só tenha restado o nome. [...] (MARANHÃO, 2009, p. 31).

Em outros aspectos, nem sempre nos damos conta da história que carregam coisas simples do cotidiano. Portanto precisamos refletir sobre trajetória árdua e milenar daqueles que abriram caminhos e tiveram um papel importante na grande construção da história do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Alfredo Ricardo. **O imigrante árabe e sua cozinha como instrumento de afirmação e identidade na atualidade.** In: ANTUNES, Aline Ferreira. **Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3.** Ponta Grossa: Atena Editora, 2021. p. 11–25. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/47902>. Acesso em 5 de nov. 2021.
- BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. **Nuvem de mascates: raízes que se rompem.** 2002. 184f. Dissertação (mestrado) – Universidade estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253636>. Acesso em: 2 ago. 2018.
- BELLUZZO, R.; HECK, M. **Cozinha dos imigrantes.** São Paulo: DBA Artes Gráficas. Companhia Melhoramentos, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DALLA PORTA, Elisa Paz; PRESTES, Deise Busnelo; ROQUE, Aline Prestes. UM RESGATE DA CULINÁRIA ÁRABE EM SÃO BORJA RS. In: ENCONTRO MISSIONEIRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM CULTURA – EMICULT, 2., 2016, São Luiz Gonzaga. **Anais Encontro Missioneiro de Estudos Interdisciplinares em Cultura – EmiCult.** São Borja: Universidade Federal do Pampa, 2016. p. 1-13. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/10/UM-RESGATE-DA-CULIN%C3%81RIA-%C3%81RABE-EM-S%C3%83O-BORJA-%C2%AD-RS-2.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: República: memórias (1889-1950).** Portugal: LeYa, 2017. v. 3
- FRANCISCO, Julio Bittencourt; LAMARÃO, Sérgio. Sírios e libaneses e a expulsão de estrangeiros na Primeira República. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 256-266, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/55132#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20censo,e%208.700%20em%20Minas%20Gerais.&text=Cerca%20de%2090%25%20dos%20s%C3%ADrios,e%20no%20Rio%20de%20Janeiro>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- GATTAZ, Andre. **DoLíbano ao Brasil: história oral de imigrantes.** São Paulo: Gandalf, 2005.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina. 2015
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984. v. 1.
- IMIGRAÇÃO Árabe no Brasil. Produção de André Viola. 2017. (50 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Be8gjeTcQmg>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- KHATLAB, Roberto. **Um oásis no Oriente Médio.** São Paulo: Editora Zahle. 2014.

KHOURI, Juliana Mouawad. **Pelos caminhos de São Paulo: a trajetória dos sírios e libaneses na cidade.** 2013. 281 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de São Paulo, Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-10032014-095235/pt->. Acesso em: 26 ago. 2021.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. Os Fenícios: para além de uma visão eurocêntrica do mediterrâneo antigo. **Revista Hélade**, [s.l.], v. 5, n. 2, p. 6-12, 2019.

LIMA, André Roberto Abs de. Estudo sobre a Relação entre a Reurbex na Idade Média e os Povos Árabes e Turcos. **Revista Conscientia**, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 07-16, 2021.

NOVAIS, Fernando Antonio. **História da vida privada no Brasil: República, da belle époque à era do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Ana Carolina dos. **Percepções sobre o Império Otomano na obra de Arnold J. Toynbee.** 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20032019-125048/pt-br.php>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SOUSA, Thais. Comunidade árabe é 6% da população brasileira, diz pesquisa. **Agência de Notícias Brasil-Árabe**, 2020. Disponível em: <https://anba.com.br/comunidade-arabe-e-6da-populacao-brasileira-diz-pesquisa/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SILVA, Luciano Alves. **As imigrações dos sírios e libaneses em São Paulo, no final do século XIX e início do século XX.** [S.l.]: Terra, 2008.

TANUS, J. B. **Os libaneses no Brasil.** In: JORGE, Salomão. Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil. São Paulo: [s.n.], 1948. p. 91-131.

TRUZZI, Oswaldo. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses. **Revista Estudos Históricos**, [s.l.], v. 1, n. 27, p. 110-140, 2001.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patricios: sírios e libaneses em São Paulo.** 1993. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

TRUZZI, Oswaldo. **Sírios e libaneses: narrativas de história e cultura.** Companhia Editora Nacional, 2005.

TRUZZI, Oswaldo. Sírios e libaneses no oeste paulista—décadas de 1880 a 1950. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s.l.], v. 36, p. 1-27, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/sf95nNCvLpJBqKbqqqPKMhQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2021.